

Mais tarde, criticando por sua vez outro livro, e desprovido de qualidade literária, mas corrosivo em sua posição sarcástica, o autor do *Isaías Caminha* frisaria um aspecto importante, ao mostrar como “criticando semelhante pessoal – a gente da sociedade – não em relação ao plano anormal da sexualidade humana, mas em relação aos interesses sociais que, na vida comum, ele lesa mais quando se entrega às suas mórbidas abjeções sociais”, a literatura estava no bom caminho⁽²²⁶⁾. Essa formulação e a de Veríssimo constituíam, sem dúvida alguma, um pouco do melhor que a perspectiva crítica da época podia alcançar. Uma e outra ficariam, entretanto, abafadas e esquecidas na mediocridade dominante. Depoimento curioso, o *Isaías Caminha* mostra alguns aspectos parciais dessa mediocridade, no palco da imprensa e na fase em que ela, sem ter encontrado ainda a sua linguagem específica, aceitava as fracas muletas de uma literatura decadentista, em tudo e por tudo na correspondência à fase em que as oligarquias dominavam amplamente o país.

Imprensa proletária

No início do século XX, o movimento reformista desencadeado nas últimas décadas da centúria anterior, passa por uma fase de pausa, mas os seus efeitos, e a continuação do processo histórico, acrescentando outros efeitos, traduzem-se em alterações significativas. Entre elas, as que dizem respeito a formas novas de organização, correspondentes a exigências sociais que só agora surgem ou se definem com clareza. Uma delas é a que se relaciona com o meio estudantil. Nas agitações reformistas do século XIX, em que participaram, por vezes tão ativamente, os estudantes haviam organizado, no seu âmbito e fora dele, associações de diversos tipos, mas todas de caráter circunstancial, voltadas para o problema do momento, organizações abolicionistas, organizações republicanas. Mas não haviam ainda cuidado de organizar a si mesmos, a inserir no meio estudantil uma forma institucional própria. É isso o que vai acontecer ainda não terminado o ano de 1901, com a fundação, no Rio de Janeiro, da Federação dos Estudantes, que começa a agitar a mocidade acadêmica.

Everardo Backheuser levanta essa bandeira, na Escola Politécnica, convocando colegas influentes, Heitor Lira entre eles, e os que formavam no seu grupo de antigos alunos do Ginásio Nacional, alguns dos quais, como o próprio Backheuser, eram socialistas ou se diziam tais, seguidores

(226) Lima Barreto: “Um livro desabusado”, em ABC, Rio, 24 de dezembro de 1921.